

EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Maria José Souza Pinho

Universidade do Estado da Bahia, mjpinho@uneb.br

Resumo

Este artigo relata a experiência das contribuições do componente curricular Educação, Gênero e Sexualidade, inserido no currículo do curso de Licenciatura de Ciências Biológicas em 2015 e desenvolvido pela primeira vez no Campus VII da Universidade do Estado da Bahia em 2017.1. O componente curricular de 45h foi ordenado em dois eixos: (I) Discussão de conceitos e (II) Elaboração de Oficinas. Os resultados apontaram que a inclusão do componente curricular está para além de geração de conhecimento, busca uma nova prática social relacionada ao cuidado com o corpo, a uma vivência consciente e prazerosa da sexualidade, sem violência e discriminação, bem como o entendimento de que é fundante a discussão da temática sexualidade/gênero na formação de professores.

Palavras-chave: Formação docente, Biologia, Sexualidade, Gênero.

Introdução

A universidade é um espaço privilegiado para a discussão sobre diversidade, diferença, e produção das identidades a fim de contribuir para uma sociedade mais plural e democrática. Sendo assim, este relato de experiência visa retratar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Ainda tem sido mínima a atuação de programas públicos em criar oportunidades para que os profissionais da área de educação possam refletir e atuar no campo da diversidade sexual. A ideia é prepará-los/las, minimamente, para adotarem na prática pedagógica uma perspectiva em defesa da sexualidade e da equidade de gênero. Em muitas situações vivenciadas no espaço escolar, revelam o quanto temos para discutir sexualidade e gênero, pois se refletem nas relações entre alunos, nas brincadeiras, no cotidiano da sala de aula, no modo de realizar as tarefas, nos livros didáticos, enfim, estão presentes nas mais diversas situações. Nessas situações, o/a professor/a, pode intervir de modo a combater discriminações e questionar estereótipos associados ao gênero. Por isso, a nossa proposição de inserção do componente curricular no currículo do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia-Campus VII, se configura num importante mecanismo de desconstrução de modelos hegemônicos e naturalizados e de compreensão das formas viver as sexualidades e os gêneros, entendendo que os discursos que falam sobre ambos são construções sociais, históricas e culturais e que essa teia discursiva contribui para a produção dos sujeitos. Portanto, a educação para a

sexualidade visa problematizar os discursos naturalizados no âmbito da cultura, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar a sexualidade e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e de poder.

A partir deste ponto de entendimento, acreditamos que a formação em biologia que desejamos deverá ser ampla no sentido de proporcionar entrelaçamento entre a ciência e a cultura, a valorização da ética e da resposta que a sociedade dará em relação aos indivíduos que a compõe. Para um/a licenciado/a em Biologia, articular teoria e prática, não pode ser a simples associação dos conhecimentos científicos com atividades empíricas de laboratórios com animais e plantas! O processo formativo requer que as questões de sexualidade humana e gênero nas aulas de Biologia estejam atreladas aos aspectos biopsicossociais, culturais, econômicos, éticos e políticos.

Para o ensino básico, de acordo com os PCN (BRASIL, 1998), o tema é tratado transversalmente, sob a denominação Orientação Sexual (mesmo com a distorção de significado que tenha esta terminologia) e não indica que uma disciplina específica discuta as questões. Entretanto, nas Universidades podemos sugerir e implementar novas disciplinas durante a formação, de acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso. São as disciplinas chamadas optativas, que abarcam uma gama de conteúdos que não fazem parte do eixo dito “científico” e foi aí que encontramos a possibilidade de agregar ao curso um componente que tratasse dessas questões com um enfoque político e cultural. Sabemos que o currículo é um lugar de disputa e que está implicado em processos de regulação e controle. O currículo também é uma relação social (SILVA, 2000), no sentido de que a produção do conhecimento envolvida se realiza através de uma relação entre as pessoas e relações sociais de poder. Sendo assim, ainda haverá muita discussão para que de fato esse conhecimento faça parte do eixo obrigatório. Como diz Tomaz Tadeu da Silva, o currículo é documento de identidade (SILVA, 2000) e, como tal, ele deve ser o mais amplo possível. Quanto mais variado, diversificado e flexível, mais se percebe que a educação não é uma técnica e sim uma prática cultural (GIROUX, 1995).

A legislação brasileira tem avançado na direção de incorporar questões de direitos e valores, mas ainda parece muita tímida a concessão da discussão das relações de gênero no âmbito educacional. Concordamos com Vianna e Unbehaum (2004) quando asseveram que as questões de gênero deveriam estar mais presentes nos parâmetros curriculares perpassando por todas as áreas do conhecimento pois quando esses documentos foram elaborados já eram questões centrais de debate em nossa sociedade. No momento estamos vivenciamos em retrocesso desses avanços, quando

parlamentares retiram a questão de gênero e orientação sexual do Plano Nacional de Educação (PNE- Lei 13.005/14), por considerá-la inadequada ao ambiente escolar¹.

Nossa proposta encontra respaldo em pesquisa feita por Cabral (2006), quando a autora constata que na formação inicial em Biologia é rara a discussão das relações de gênero e que ainda temos que desconstruir visões da ciência alicerçada na neutralidade científica, universalidade e objetividade absoluta. Cabral (2010) questiona como é atribuída a importância das relações de gênero para professores em formação continuada e pudemos constatar também que docentes em exercício, que lecionam biologia, não se sentem à vontade para discutir tais questões (PINHO, 2009), mesmo com anos de prática docente. Destarte, entendemos que é uma formação que exige ruptura de valores cristalizados, posturas hegemônicas e que precisamos buscar mecanismos para fazer a diferença na vida de alunos e alunas.

Metodologia

Em oposição a prática tradicional, para a qual os conhecimentos são depositados², a prática de ensino do componente curricular **Educação, Gênero e Sexualidade** buscou através da dialogicidade e problematização do conhecimento dos/as licenciandos/as, criar condições para avançar na perspectiva de uma nova compreensão sobre a temática dentro da sala de aula numa escola básica. A prática de ensino dessa educação dialógica é abordada por Delizoicov, *et al* (2002) pela qual balizamos as atividades de nossa disciplina. Entendemos que o diálogo valoriza tanto o conhecimento do aluno quanto do professor. E problematizadora por entender que o desafio se constitui numa mola propulsora de aquisição de novos conhecimentos. Para Delizoicov(2001, p. 132), os problemas

“[...]devem ter o potencial de gerar no aluno a necessidade de apropriação de um conhecimento que ele ainda não tem e que ainda não foi apresentado pelo professor. É preciso que o problema formulado tenha uma significação para o estudante, de modo a conscientizá-lo de que a sua solução exige um conhecimento que, para ele, é inédito”.

O cenário para o desenvolvimento da proposta foi a Universidade do Estado da Bahia, Campus VII, Curso de Ciências Biológicas. A oferta do componente ocorreu pela primeira vez em 2017.1, na forma de disciplina optativa, com carga horária de 45h e com vinte alunos matriculados. A partir daí

¹ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em 17 ago 2017.

² Educação bancária de Paulo Freire.

montamos um Plano de Ensino³, que foi discutido entre os participantes e proposto um cronograma de atividades, que poderiam ser revistas a todo momento.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII-SENHOR DO BONFIM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS							
Curso	LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS						
Disciplina	EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE					Código	BI0083
CH Total	45	CH Teórica	30	CH Prática	15	Período Letivo	2017.1
Professora	MARIA JOSÉ SOUZA PINHO						
CONTEÚDOS							
<ol style="list-style-type: none"> 1. Sexualidade e gênero: abordagem conceitual e histórica. 2. Aspectos biopsicossociais da sexualidade. 3. Identidade e Relações de Gênero. 4. Gênero e Poder. 5. Gênero e Ciência. 6. Diversidade sexual: feminilidades e masculinidades. 7. Direitos sexuais. 8. Sexualidade na infância, na adolescência, na idade adulta e na terceira idade. 9. A resposta sexual humana – disfunções, desvios e inadequações sexuais 10. O exercício da sexualidade em situações especiais (deficiências). 11. Mitos, crendices e tabus sexuais e de gênero. 12. Preconceitos, discriminações e violências sexuais e de gênero. 13. Educação sexual na Escola. O papel do/a professor/a de Biologia. Projetos de educação sexual 							
METODOLOGIA							
<ul style="list-style-type: none"> - Aula expositiva dialogada; - Leituras e estudos de artigos; - Trabalho prático; - Dinâmicas de grupo. 							
AVALIAÇÃO							
Trabalhos parciais: atividades diárias encontros/aulas.							
<ul style="list-style-type: none"> - Seminário (critérios para avaliação): Domínio do conteúdo X uso do tempo; Linguagem clara X sequência lógica; Atualização da informação X referências segundo as normas da ABNT; Criatividade na apresentação X recursos audiovisuais. - Preparação de Oficina. 							
REFERENCIAS*							

*As referências não serão colocadas aqui por uma questão de organização do artigo

³ Essa disciplina foi inspirada na proposta da professora Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes que implementou na Universidade Federal da Bahia o Programa de Educação Sexual-PROEDSEX através da disciplina Sexualidade e Educação no ano de 1994.

Na primeira fase da proposta do componente, planejamos aulas expositivas dialogadas para discutir questões relacionadas ao conteúdo mescladas com dinâmicas, leitura e discussão dos textos, exibição de filmes e documentários. Foram possíveis muitas discussões, algumas polêmicas, reflexões diversas. Uma vivência inédita sobre variadas temáticas de gênero, sexualidade, relações étnicas raciais, ciência e educação. O desenho pedagógico do componente está ancorado em teorias de Freire(1996), Vygotsky(2007) e Morin(1998), de forma a incentivar os discentes a cultivar a autonomia, a aprendizagem cooperativa, pensando a totalidade do ser humano construir significados socialmente importantes.

Na segunda fase da proposta, os discentes foram agrupados em equipe e deveriam apresentar uma oficina com uma dinâmica de introdução, um aprofundamento de conteúdo aliando aspectos sócio históricos e finalizar com outra dinâmica de grupo. Cada equipe escolheu um tema para ser trabalhado.

Foram pressupostos teóricos da implementação desta disciplina os estudos de Badinter (1985), Michel Foucault (1985), Pierre Bourdieu (1995), Master e Jonhson (1984), Joan Scott (1991), Evelyn Fox Keller(1991, 1996, 2006) e Judith Butler (2003), Heleth Safiotti(1969) , Sandra Harding(1996), Jane Flax(1992), Londa Schiebinger (2001, 2008).

Resultados e Discussão

Os dados obtidos a partir das atividades desenvolvidas e da discussão oportunizaram uma reflexão apurada sobre o qual incompleta, limitada e incipiente é a discussão sobre sexualidade e gênero no âmbito acadêmico da formação inicial desses estudantes, deste Campus. Ainda que institucionalmente e legalmente haja um esforço para introduzir a discussão, percebemos que ainda prevalece o desconhecimento sobre as metodologias, estratégias e ferramentas mais atraentes para lidar com a sexualidade e as questões ligadas a gênero. Apostamos na hipótese de que se o estudante compreende e se coloca no lugar do outro, haverá maior possibilidade de desenvolver uma atitude de respeito ao outro no tocante a sexualidades ou gêneros. Uma das primeiras dinâmicas utilizadas foi proposta a desenvolver autoestima através da consciência do corpo. Na dinâmica “Espelho, espelho meu... existe alguém mais belo do que eu? ”, os discentes foram convidados a pensar em uma parte do seu corpo mais atrativa, mais bela, mais bonita e guardar mentalmente essa imagem, em seguida desenhar no papel a imagem captada pelo cérebro sem a identificação. Ao circular as imagens pelos participantes aleatoriamente, cada um foi convidado a relatar o que o desenho queria expressar sobre o/a autor/a, que imagem o/a autor/a tinha de si

mesmo. Dos quatorze estudantes (dois homens e doze mulheres) participantes dessa dinâmica, 6 desenharam os olhos, 3 desenharam a boca, 2 desenharam os cabelos, 2 desenharam os seios e 1 desenharam as nádegas. A imagem que vemos diante dos nossos olhos e que, supostamente, é a nossa, pode ser influenciada por uma série de fatores: as mudanças físicas da adolescência, a (in)satisfação com o corpo, o olhar do outro...enfim, a dinâmica nos leva a refletir e ter uma compreensão dos aspectos corporais que envolvem o corpo, a sexualidade, o gênero. A beleza ou a feiura é muito mais que um atributo corporal. Ela ultrapassa características visíveis, consideram também qualidades e comportamentos morais de seus portadores. Invariavelmente uma totalidade mais ampla socialmente engendrada. (GRANDO, 2009).

O corpo humano não está dissociado de cada elemento que o constitui, de suas representações sociais e do conjunto de normas corporais necessárias à sua fabricação como pessoa única. O que se vê na pessoa são expressões de manifestações estéticas materializadas no corpo e com as quais cada pessoa se identifica e cria o sentido de pertença. O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõe graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram os sujeitos a assimilar os comportamentos de seu círculo social. (LOURO, 2000). Isso se reflete nos desenhos feitos pelos estudantes, pois grande parte desenhou os olhos como sendo a parte mais atrativa e bela.

Na elaboração das oficinas, os temas escolhidos pela turma foram: Raça, Gênero e Auto Estima, O Mito do Amor Materno e Mitos Crendices e Tabus.

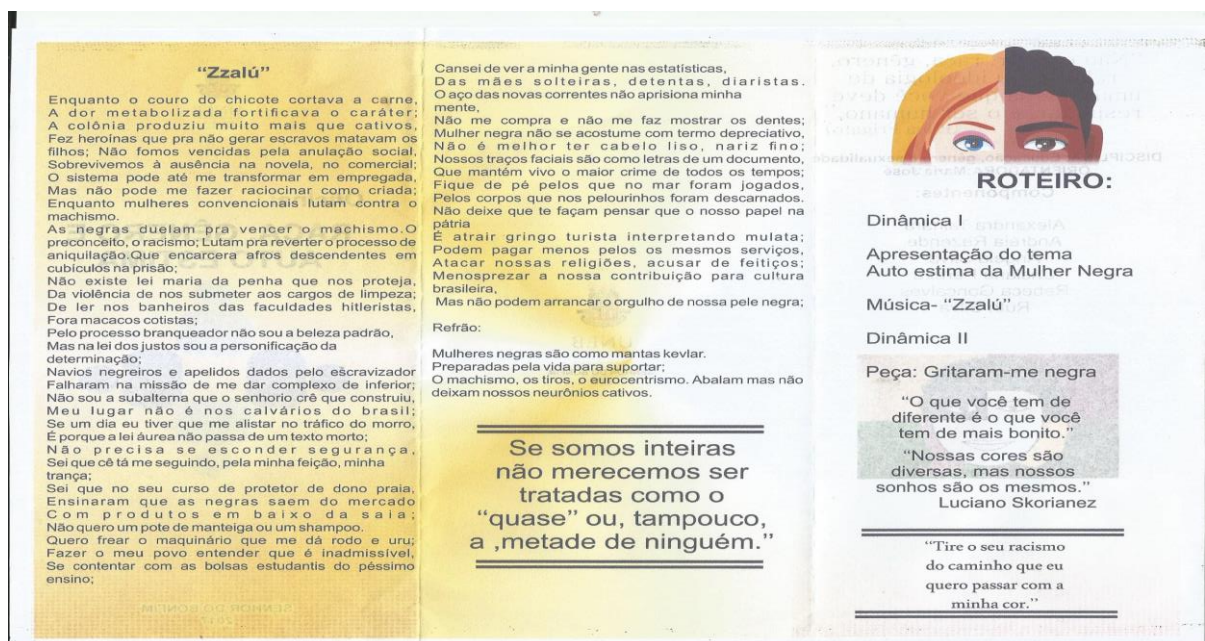


Figura 1: Folder produzido pelos discentes para a Oficina: Raça, Gênero e Autoestima
Fonte: Arquivo da autora, 2017



Figura 2: Dinâmica de grupo: Quebrando Tabus, produzida na oficina Mitos, Tabus e Crençes
Fonte: Arquivo da autora, 2017

As oficinas funcionaram como uma ação educativa que não se restringe ao plano intelectual ou cognitivo, pois além das informações e conhecimentos trabalhados pelos alunos, envolveram mudanças de paradigmas com a ruptura de valores já arraigados na cultura. (FAGUNDES; BARBOSA, 2007). Nelas pudemos diagnosticar o que sentem, o que pensam, o que desejam... foi possível perceber a inclusão de novos elementos que nos permitiram entender os processos vividos por esses discentes. Foi nas oficinas que os participantes se sentiram acolhidos para discutir temas vivenciados por eles como a violência física e simbólica contra mulheres e tão difícil de expressar.

Conclusões

Como relato dessa experiência de inclusão e implantação do componente curricular **Educação, Gênero e Sexualidade** está para além de geração de conhecimento, busca uma nova prática social relacionada ao cuidado com o corpo, a uma vivência consciente e prazerosa da sexualidade, sem violência e discriminação. Pensamos que a formação de professores deva incorporar no cotidiano do currículo a temática da sexualidade/gênero, pois trata-se de uma responsabilidade intrínseca à educação, mas que depende de um trabalho de articulação, para recompor a fragmentação existente nas práticas tradicionais de educação em sexualidade e gênero.

Essa iniciativa é só o começo, agora nos resta transformar em prática pedagógica constante dentro do Curso de Ciências Biológicas, lembrando o que Tardiff nos diz sobre o processo educacional: o objeto de trabalho do docente são seres humanos.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação e Realidade. Porto Alegre, 20(2), jul/dez. 1995. p. 149-179.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Carla G. **O conhecimento dialogicamente situado**: histórias de vida, valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro Tecnológico da UFSC. 2006. (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

CABRAL, Carla G. Gênero e diversidade na escola: vivências e experiências na formação de professores/as da educação básica brasileira. IN: BRASIL, Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Pensando gênero e ciência**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

DELIZOICOV, Demetrio. Problemas e problematizações. In: PIETROCOLA, M.(org). **Ensino de Física**: conteúdo, metodologia e epistemologia em uma concepção integradora. Florianópolis: Ed: UFSC, 2001.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; E PERMANBUCCO, M. M. **Ensino de ciências**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C.; BARBOSA, Maria Paqueta Moreira. Oficinas sobre sexualidade. Salvador: Helvécia, 2007.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero da teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 217-250

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal. 3 vol. v. 1: a vontade de saber – v.2: o uso dos prazeres – v.3: o cuidado de si. 1985

GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRANDO, Beleni S.(Org) **Corpo, educação e cultura**: práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí:Ed. Ijuí, 2009.

HARDING, Sandra. **Ciência y feminismo**. Madri: Morata, 1996. p. 28-51.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflexiones sobre gênero y ciencia**. Valência: IVEI, Edicions Alfons el Magnanim, 1991.

_____. Feminism & Science. In: KELLER, Evelyn Fox e LONGINO, Helen (Eds). **Feminism & Science**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1996. p. 28-40.

_____. Qual foi o impacto do feminismo na ciência?. In: LOPES, Maria Margareth. **Cadernos Pagu: ciência, substantivo feminino, plural**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, n. 27, 2006.

LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

MASTER, William H., JOHNSON, Virginia E. **A conduta sexual humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PINHO, Maria José S. **Gênero em biologia no ensino médio: uma análise de livro didático e discurso docente**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. São Paulo: Livraria Quatro Artes. 1969.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

SCHIENBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, ciências, saúde – Manguinhos**, [online] v. 15, supl., Rio de Janeiro, 2008. p. 269-281
Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000500015&script=sci_arttext

_____. **O feminismo mudou a ciência?**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero e políticas da educação: impasses e desafio para a legislação educacional brasileira. IN: GODINHO, Maria Lucia da. **Educar para a igualdade de gênero e educação escolar**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004.

VIGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.